

DIREITO

DIVINO

AO

TRABALHO

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 *Cristo, Escriba de, 1969 – DIREITO DIVINO
AO TRABALHO*

Itariri, Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 2020 102 p. ; 21 cm

ISBN: 9798647578242

Edição 1º

1. Trabalho 2. Direito 3. Disciplina

4. Escravidão

CDD 326 331

CDU 326 331

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

A FINALIDADE DO TRABALHO

O trabalho é um assunto que diz respeito a todos nós. Com raras exceções, todos são obrigados a trabalhar para viver e todo mundo gosta de trabalhar, de se sentir útil de alguma forma, porém todo trabalhador sonha com três coisas: aumento de salário, férias e aposentadoria.

Apesar de aumento, férias e aposentadoria ser bom, a nossa finalidade ao trabalhar tem que ser em primeiro lugar garantir nossa subsistência e sentir prazer pelo que faz, ao terminar o dia sentir-se feliz com a obra realizada. Se trabalhar olhando para o relógio ou vai para o trabalho com se fosse para um matadouro. Ou você deve mudar de atitude, ou deve mudar de trabalho.

CLASSE TRABALHADORA

Precisamos entender quem são os trabalhadores para se aprofundar no DIREITO DIVINO AO TRABALHO.

Eu entendo que trabalhador são todos os que geram riquezas, bens, serviços e que produzem algo para a sociedade. Não importa se esta pessoa é dona de um negócio, dona de um capital especulativo, se terceiriza suas atividades, se é um prestador de serviço, se é um funcionário, se é um autônomo, se é um profissional liberal. Se produz é trabalhador. Até um traficante de

drogas é um trabalhador na minha visão, ele faz um trabalho ilegal e criminoso, mas comprou e revendeu aquele produto. Já o ladrão não produz, ele toma mediante engano ou pela força os bens de outrem.

Um assaltante, um pirata, um sequestrador, um estelionatário não considero trabalhador, porque pelo engano ou mediante grave ameaça subtraiu o bem alheio, ainda que ele gastou energia e fez esforço para realizar aquela tarefa.

Todo trabalhador deve ser valorizado, excessão os que trabalham com atividades criminosas **MEDIANTE ENGANO E GRAVE AMEAÇA**. Por isto, repito, os traficantes de drogas estariam vendendo algo mal, mas se ele não enganou e nem usou de violência, mas as pessoas compram porque são idiotas e querem ficar drogadas, safado é quem compra sabendo que o produto que está levando irá prejudicá-lo. **VIVA OS TRAFICANTES** que vendem “merda”. Safado é quem compra maconha, cocaína e crack sabendo o que estão levando....

Isto não quer dizer que eu concordo com a venda de drogas, muito menos que eu acho que um cristão pode comercializar porcarias que destroem a vida alheia. Mas o grande culpado no narcotráfico são os idiotas que compram para fazer mal para si e para os outros. Tecnicamente o traficante é só um comerciante de produtos proibidos.

A Wikipedia apresenta a definição de classe trabalhadora na visão dos marxistas e dos liberais assim:

Classe trabalhadora é um conceito mais amplo da categoria clássica de proletariado, definida por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848. O conceito de classe trabalhadora abrange não só o proletariado, mas todas as camadas sociais que vivem da venda da sua força de trabalho.

É importante distinguir que, em sociologia os conceitos de classe social mudam conforme a orientação de cada escola sociológica. A escola chamada histórico-crítica ou marxismo defende o conceito de que a divisão de classes deve ser compreendida a partir do lugar onde cada grupo de indivíduos está no processo de produção de mercadorias. Já as correntes de pensamento mais afetas ao liberalismo tem uma concepção de classe social conforme a renda e o padrão de vida do indivíduo ou grupo social.

Para os marxistas, existem duas classes sociais autônomas politicamente no modo de produção capitalista: a burguesia, constituída pelos donos dos meios de produção e o proletariado, constituído pelos trabalhadores que fabricam mercadorias a partir da venda da sua força de trabalho. Vale ressaltar que a venda da força de trabalho não está limitada a venda para um empresário capitalista, um pequeno proprietário de terras ou de comércio permanece vendendo sua força de trabalho apesar de não possuir um chefe e ser dono dos meios de produção ou detentor do capital intelectual que está utilizando em seu trabalho. (9)

Já a corrente liberal divide a sociedade por seus ganhos: existem, assim, estamentos sociais, organizados alfabeticamente (classe A, B, C, etc.) cada uma correspondendo a uma faixa de consumo e de renda.

Nos dias atuais o conceito de classe trabalhadora sofre interferências das mudanças das relações de trabalho. O setor de serviços cresceu e muitas atividades, como por exemplo, profissionais liberais e as consultorias, não utilizam meios de produção físicos (máquinas e ferramentas), mesmo se utilizassem, seus donos seriam os próprios trabalhadores, porém, esse fato não os tirariam da classe trabalhadora. Não ser que suas empresas crescessem tanto a ponto de tornar-se uma instituição e com a criação de uma marca segmentar o trabalho em diversas partes e o trabalho ser realizado por mão de obra assalariada, e o dono atuar como mero gestor.(9)

CLASSE DOS SENHORES

Alguns estão neste mundo para serem senhores, seja por hereditariedade, ou por esforço próprio, algumas pessoas exercem neste mundo a posição sócio-econômica de senhores. A Bíblia manda os servos obedecerem aos senhores e não lutarem contra os tais, como apregoa o marxismo.

Abraão era senhor, tinha escravos e muita riqueza e nenhuma vez foi repreendido por Deus por causa disto.

CLASSE DOS SERVOS

Os servos eram em linhas gerais os mais pobres e humildes. Nesta classe nos dias bíblicos incluíam os pobres que trabalham assalariados bem como os escravos. A humanidade se dividiu desde o começo entre os senhores e servos. Sendo que servos mantinham uma relação de dependência dos seus senhores, e em muitos casos, eram escravos não tendo a possibilidade de deixar de trabalhar para o seu dono.

Como em muitos casos as pessoas tinham dificuldades de conseguir trabalho, algumas pessoas achavam que era mais vantagem ser servo ou escravo, porque o seu senhor teria a responsabilidade de proteger o escravo, bem como fornecer moradia, alimentação e vestimenta e outros benefícios a depender das condições do caráter do seu senhor. Deus instituiu na Lei de Moisés regulamentação quanto a escravidão voluntária.

CLASSE DAS AUTORIDADES

Na sociedade humana existem aqueles que possuem um trabalho diferenciado, são as autoridades que produzem serviços especiais:

Judiciário produz a justiça.

Governantes produzem organização social.

Sacerdotes e afins que produzem serviço religioso.

Militares e policiais que produzem segurança externa e interna a sociedade.

No curso da vida as pessoas vão se posicionando na classe trabalhadora que a sua sorte tem lhe destinado. Devemos a medida do possível trabalhar naquilo que nos dá satisfação e tentar desta atividade laboral tirar o seu sustento. Buscar apenas o proveito econômico da sua atividade não é o melhor caminho.

Alguns conseguem entrar nesta classe pelo voto popular, outros por concurso público, outros por vocação e outros por imposição da família, o importante nesta vida é cumprir seu papel social com alegria e com dignidade.

Os trabalhadores da classe das Autoridades oferecem a lei e a ordem e para discorrer sobre isto peço emprestado as palavras de Vladimir Passos de Freitas, desembargador federal:

O respeito à autoridade e às regras são requisitos da vida em sociedade.

Por Vladimir Passos de Freitas

A palavra autoridade é usada, via de regra, para descrever o poder que o Estado confere a determinada pessoa. Autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário, nas mais diversas graduações, exercem o poder que lhes é conferido por lei e do qual estão investidas por nomeação regular. O desrespeito à ordem legal de uma autoridade pode gerar penalidades diversas, desde uma advertência até a prisão, sendo esta uma sanção permitida apenas à autoridade judiciária em ação penal própria.

Nas relações privadas também pode haver o exercício de autoridade, muito embora as sanções sejam de outra ordem. Por exemplo, se em um clube alguém desobedecer a ordem de não usar a quadra de tênis, certamente sofrerá algum tipo de sanção disciplinar.

Na família também se exerce a autoridade. Os pais, a todo o tempo, dão ordens aos filhos pequenos, que, se desobedecidas, são punidas com suspensão de algo prazeroso. São aplicadas regras não escritas, passadas por gerações. E elas, evidentemente, mudam na medida em que o mundo e as famílias se transformam.

Assim, visto que se reconhece autoridade a quem tem o poder de decisão e de sanção, passa-se ao terceiro componente do conceito. Segundo a Enciclopédia Temática, “o conceito de autoridade está relacionado com o conceito de hierarquia e corresponde ao poder de comandar os outros e levá-los a agir da forma desejada e constitui a base para a responsabilidade. É portanto uma relação de poder que se estabelece de superior para subordinado”.

(O trabalho em quase todos os casos gera uma relação de subordinação. Um produtor, um prestador de serviço, um escravo, um empregado, um funcionário público, todos tem uma relação de subordinação seja ao seu patrão, seu chefe, a sociedade ao cliente, ao contratante. O trabalho está intimamente ligado a autoridade ou subordinação. O homem só seria totalmente “livre” se tudo o que ele produzisse de trabalho fosse exclusivamente para ele. Como os eremitas que

vivem isolados completamente da sociedade vivendo de forma totalmente fora do padrão humano. Se a pessoa não quer chefe, mas forma uma cooperativa, ele não escapará da subordinação aos preceitos e as regras da cooperativa e ainda precisam agradam os clientes que compram os produtos da cooperativa. Portanto, trabalho e subordinação estão intimamente ligados. Seja dono do seu próprio negócio não exclui de jeito maneira o fator subordinação.)

Aí está, pois, a síntese do que vem a ser autoridade e o seu exercício, na esfera pública ou privada. Nada mais é do que uma ordem de subordinação entre membros de um grupo. Mas, sabidamente, autoridade e hierarquia vêm perdendo espaço no mundo ocidental.

As relações entre a cúpula da administração pública e os setores hierarquicamente inferiores não se caracteriza mais pelo abismo que existia outrora. As relações são mais diretas e democráticas.

Entre o Estado e a sociedade dá-se o mesmo. A chamada Governança Pública nada mais é do que uma tentativa de participação popular nos atos da administração.

No mundo empresarial a mesma situação acontece. Para ficar apenas em um exemplo, confira-se o sistema de administração do Google, no inteligente filme “Os Estagiários”, de Shawn Levy, com Vince Vaughn e Owen Wilson. Redes para descanso, mesas de jogos, em

vez de escada um escorregador. Uma maneira nova de viver e de ser, que afeta todas as relações em comunidade, públicas ou privadas.

Porém, esta flexibilização de costumes — na maioria das vezes salutar — no Brasil nem sempre é bem compreendida. Como ela não tem direção única, pairando absoluta incerteza sobre os seus limites, vê-se surgir um silencioso e pouco perceptível movimento de desrespeito geral às normas e à disciplina.

Alguns acreditam que esta mudança nos costumes é parte da vida contemporânea, algo inevitável e mais inteligente. Enganam-se. Os países econômica e socialmente mais evoluídos não abandonaram as regras mínimas de comportamento, porque elas são necessárias para uma existência em harmonia. E para que isto ocorra é preciso que alguém delas cuide com poder de autoridade, a fim de dissuadir os que não querem adequar-se às regras da vida em comum.

No Chile, o mais avançado país da América do Sul, é evidente o respeito da população pelos Carabineiros, uma guarda nacional que se encontra em todo o território. Nos Estados Unidos as regras são rígidas e obedecidas por todos, por exemplo, no tráfego de veículos. Em Barbados, no Caribe, terceiro Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Américas, atrás apenas dos EUA e do Canadá, bares na areia da praia proíbem que se jante sem camisa ou de camiseta regata. Na emergente China o respeito ao próximo e às regras é cultivado desde Confúcio, seis séculos antes de Cristo.

Para dar um exemplo, nos trens há vagões separados para homens e mulheres, sendo que eventual invasão por pessoa do outro sexo gera imediata expulsão do trem e multa.

Pois bem, no Brasil o que se passa é o inverso. Infrações legais, éticas ou mesmo às regras de educação, crescem aceleradamente. O descrédito da autoridade é cada vez maior.

Professores de escolas públicas sujeitam-se a ser punidos caso façam qualquer exigência em sala de aula. Não raramente, são ofendidos e permanecem calados para não se incomodar, às vezes até por receio de serem agredidos. Evidentemente, desmotivados, pouco ou nada ensinam. Nas escolas particulares só mudam as circunstâncias. Pais cobram explicações de professores intimados, discutindo até se seus filhos devem sentar-se à frente ou nos fundos da sala de aula. Donos de escolas cedem ao máximo, intimidados por ações judiciais que por quaisquer motivos os condenam em danos morais.

Policiais Militares, que fazem atendimento de rua, disputam com os professores a liderança no rol dos ofendidos. Moradores dos bairros onde atuam não lhes dispensam sequer um bom dia. Outros, chamam-nos pedindo providências, mas depois sequer descem de seu apartamento porque não desejam ser testemunhas. Os que são detidos dedicam-lhe as mais pesadas ofensas, acompanhadas da célebre frase “se eu fosse rico seria diferente, rico não vai para a cadeia”. Sentindo-se

rejeitados, tendem os PMs a reagir da mesma forma, pois isto é da natureza humana.

Juízes e Tribunais não passam ao largo desta onda. Além de incidentes na primeira instância (advogado abandonar o julgamento no Tribunal do Júri), ocorrências como a tentativa de invasão do Supremo Tribunal Federal, em 12 de abril de 2014, por pessoas de um movimento social, merece reflexão (<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/02/12/sob-ameaca-de-invasao-do-mst-stf-suspende-sessao.htm>).

Fatos menores do cotidiano também revelam a tendência ao desrespeito às regras de convivência. Por exemplo, em cidade praiana, ir de sunga e sem camisa ao supermercado. Assistir aula na Faculdade de Direito de shorts. Falar no telefone celular no cinema. Mandar currículo a um escritório de advocacia pedindo emprego, com mensagem absolutamente informal (“Oi Vladimir, ...). Estacionar o carro em vaga de deficiente.

Qual a causa destes novos procedimentos que, ao invés de revelarem evolução natural são, na verdade, um retrocesso social? Será inevitável? Como proceder?

As causas são de difícil identificação. Mas para isto contribuem, significativamente, os casos de corrupção envolvendo as mais altas autoridades do país. As notícias diárias levam à crença de que o mau procedimento é a rotina e isto leva à descrença e à desobediência como princípio. Mas aí há um erro de avaliação. Na verdade, o

que deve ser levado em conta é que nunca na história da Justiça Criminal do Brasil foram levados à prisão políticos e empresários de grande poder econômico. O foco, portanto, não deve ser pessimista, ao contrário, deve ser de otimismo.

Outra causa, esta mais individual do que coletiva, é o despreparo de algumas autoridades. O poder de mando deve impor-se pelo respeito e não pelo autoritarismo. A autoridade tem o dever de dar o exemplo, é um ônus do cargo. Por exemplo, respeitando o horário marcado para o início de um ato.

Se a autoridade for mal exercida deve, assim, ser apontada. Não com malcriações infantis, mas sim formalmente (carta ou e-mail), com firmeza, sem agressividade inútil e expresse pedido de informações sobre a decisão que vier a ser dada.

Por último, mas não menos importante, a educação em casa. Pais devem dar o exemplo de respeito à autoridade e também de inconformismo quando, dela, sobrevier abuso. O exemplo vale mais do que palavras. Pais que se valem de expedientes para não se submeter a uma fila ou coisas semelhantes, estão ensinando aos filhos que vale a pena vencer a qualquer preço, desconsiderar seu próximo.

Em suma, o respeito às instituições, à autoridade, às normas, é a única via da harmonia social e a busca deste objetivo é dever de todos, dos que detêm o poder,

exercendo-o corretamente, e da sociedade, cumprindo as regras escritas ou costumeiras. (13)

Não dá para falar em trabalho sem falar em disciplina, liderança, responsabilidade. Tenho visto pessoas com imensa quantidade de talentos, mas que não conseguem exercer um trabalho com responsabilidade e por isto ficam pouco tempo em um emprego. São pessoas que rejeitam a autoridade de um chefe e de um patrão. Querem fazer o que quer, chegar a hora que quer e ir ao trabalho no dia que quer. Estes logo são dispensados e ganham a fama de irresponsáveis e vagabundos. Muitos preferem ser autônomos e não funcionários porque tem dificuldade de personalidade e caráter de trabalhar com subordinação.

DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Discordo visceralmente do pensamento do Étienne de La Boétie e sua crença que os homens podem se livrarem da servidão. Nem mesmo no reino celestial acho que nos livraremos da servidão, porque a amplitude da servidão se baseia no princípio da hierarquia e Deus é o criador da hierarquia, onde um subalterno está sujeito ao seu superior e este é subalterno a outro maior do que ele e assim até chegarmos no topo da hierarquia que é Deus.

O “ofendidinho” que começou com esta falácia de por fim a servidão foi Lúcifer e ele levou a pior, juntamente os anjos que acreditaram no fim da servidão.

O texto abaixo dá uma síntese no que consiste o discurso de Étienne:

Autor(es) Étienne de La Boétie
Idioma Francês
Gênero Discurso

Discurso da Servidão Voluntária é um discurso de autoria de Étienne de La Boétie, publicado originalmente após sua morte em 1563. O texto foi elaborado depois da derrota do povo francês contra o exército e fiscais do rei, que estabeleceram um novo imposto sobre o sal. A obra se mostra como uma espécie de hino à liberdade, com questionamentos sobre as causas da dominação de muitos por poucos, da indignação da opressão e das formas como vencê-las. Já no título aparece a contradição do termo servidão voluntária, pois como se pode servir de forma voluntária, isto é, sacrificando a própria liberdade de espontânea vontade? Na obra, o autor pergunta-se sobre a possibilidade de cidades inteiras submeterem-se à vontade de um só. De onde um só tira o poder para controlar todos? Isso só poderia acontecer mediante uma espécie de servidão voluntária. Ele afirma então que são os próprios homens que se fazem dominar, pois caso quisessem sua liberdade de volta, precisariam apenas de se rebelar para conseguí-la. Étienne afirma que é possível resistir à opressão, e ainda por cima sem recorrer à violência - segundo ele a tirania se destrói sozinha quando os indivíduos se recusam a consentir com sua própria escravidão. Como a autoridade constrói seu poder principalmente com a obediência consentida dos oprimidos, uma estratégia de resistência